



## Conhecimento e aceitação das práticas integrativas e complementares por estudantes de medicina

### Knowledge and acceptance of integrative and complementary practices by medical students

Louise Lorraine Santos<sup>1</sup>, Sâmara Pereira de Miranda<sup>2</sup>, Victor Coelho Clemente<sup>3</sup>, Mario Círio Nogueira<sup>4</sup>

#### RESUMO

**Objetivo:** investigar o interesse, o conhecimento e o uso das Práticas Integrativas e Complementares (PIC) pelos estudantes de Medicina. **Métodos:** Aplicação de questionários estruturados com os estudantes de Medicina de uma instituição pública federal do 1º ao 8º períodos, no primeiro semestre de 2015. Os dados foram analisados no programa estatístico R versão 3.2.2. **Resultados:** O percentual de alunos que indicaria as PIC a seus pacientes é 82,5%. As variáveis associadas a indicar o uso das PIC foram: raça/cor não branca, ser aluno dos períodos iniciais, achar importante ter as PIC na grade curricular, ter cursado alguma disciplina ou atividade sobre as PIC, informar que usaria as PIC como pacientes e ter usado alguma PIC nos últimos 12 meses. **Conclusões:** O contato do aluno com as PIC, por meio de disciplinas e atividades, é fundamental para que os futuros médicos sejam capazes de indicar essas modalidades terapêuticas aos seus pacientes, ampliando as ferramentas terapêuticas disponíveis. Logo, torna-se necessária a inclusão, no currículo ativo, das PIC, a fim de ampliar a formação do aluno como médico generalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas Integrativas e Complementares. Educação de Graduação em Medicina. Medicina Complementar.

#### ABSTRACT

**Objective:** to investigate the interest, knowledge and use of Integrative and Complementary Practices (ICP) by medical students. **Method:** Application of structured questionnaires with medical students of a federal public institution from

<sup>1</sup> Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: louise\_lorraine@hotmail.com.

<sup>2</sup> Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>3</sup> Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>4</sup> Docente do Curso de Medicina – Universidade Federal de Juiz de Fora. Departamento de Saúde Coletiva.

1st to the 8th TERMS in the first semester of 2015. The data were analyzed in the statistical program R version 3.2.2. **Results:** The percentage of students that would indicate ICP to their patients is 82.5%. The variables associated with indicating the use of ICPs were: non-white race/color, being a student from the initial TERMS, finding it important to have ICP in the curriculum, having studied some discipline or activity on the ICPs, informing that they would use the ICPs as patients and have used any ICP in the last 12 months. **Conclusions:** The student's contact with ICP through disciplines and activities is fundamental for future physicians to be able to indicate these therapeutic modalities to their patients, broadening the available therapeutic tools. Therefore, it is necessary to include the ICP in the active curriculum in order to broaden the student's training as a general practitioner.

**KEYWORDS:** Integrative and Complementary Practices. Graduate Education in Medicine. Complementary Medicine.

## INTRODUÇÃO

O campo das Práticas Integrativas e Complementares (PIC) contempla sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos, os quais são também denominados pela Organização Mundial da Saúde de medicina tradicional e complementar/alternativa.<sup>1</sup>No Brasil, foi aprovada, em 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS,<sup>1</sup> com o objetivo de conhecer, apoiar, incorporar e implementar experiências na rede pública de saúde, principalmente de Acupuntura, Homeopatia, Fitoterapia e Medicina Antroposófica. Posteriormente, vários estados aprovaram políticas equivalentes em seu território, como o estado de Minas Gerais, em 2009.<sup>2</sup> Vários autores propõem que um conteúdo básico das PIC deveria ser de conhecimento de todos os médicos, já que estes irão encontrar com muita frequência pacientes usuários dessas práticas, e precisarão saber como lidar com a situação.<sup>3</sup>

Diferente de outros países como China, Coreia e Vietnã, que utilizam as PIC integradas ao sistema de saúde pública, no Brasil, essas práticas ainda não são predominantes.<sup>4,5</sup> A sua incorporação tem o potencial para fortalecer os princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde e reduzir gastos com medicamentos, aumentar a adesão ao tratamento, além da valorização das culturas locais.<sup>6</sup> As PIC têm grande afinidade conceitual com alguns princípios da atenção primária em saúde (APS), tendo ambas características contra-hegemônicas do modelo assistencial ainda predominante no Brasil, pois são mais centradas no sujeitos e seus contextos, propõem uma abordagem ampliada e holística, valorizam outros saberes não biomédicos e

incentivam a autonomia do usuário no processo de cuidado.<sup>7</sup>

Apesar das PIC estarem atraindo cada vez mais a atenção da mídia, da comunidade médica, dos órgãos governamentais e do público em geral, elas não são amplamente discutidas nas escolas médicas, havendo um número pequeno de faculdades de Medicina que incluem o seu ensino sistemático no currículo.<sup>8</sup> Assim, parte dos médicos é privada em sua formação dos conhecimentos sobre PIC, que são imprescindíveis às indicações terapêuticas e às orientações para utilização dessas práticas.<sup>4</sup> Associado a isso, tem-se que muitas pessoas buscam os tratamentos disponíveis nas PIC de forma independente, dissociado de um profissional, fato esse que pode acarretar em algum prejuízo à saúde do usuário.<sup>9</sup> Por isso, em um contexto de desinformação médica e de afastamento das PIC do meio acadêmico, nota-se a necessidade de se avaliar, de forma mais detalhada, como é feita a abordagem desse tema durante a formação médica, o conhecimento desses estudantes e a possibilidade de indicação ou não de tais práticas aos seus futuros pacientes.<sup>10</sup>

O objetivo deste trabalho foi investigar o interesse, o conhecimento e o uso das PIC pelos estudantes de Medicina.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Foi realizado um estudo transversal descritivo com os alunos do Curso de Medicina de uma instituição pública federal no estado de Minas Gerais, regularmente matriculados do 1º ao 8º períodos, mediante a aplicação de um questionário estruturado autopreenchível, contendo questões sociodemográficas e sobre o tema da pesquisa. A pesquisa foi feita no 1º semestre de 2015.

Todos os alunos presentes em sala de aula, no momento da visita do entrevistador, foram convidados a participar, de forma anônima (sem identificação individual), e após leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Os dados coletados foram codificados e digitados em uma planilha no programa Excel e analisados no programa estatístico R versão 3.2.2. Foram feitas estatísticas descritivas, com cálculo de proporções de respostas a cada pergunta do questionário, e testes de associação entre as variáveis, usando o teste qui-quadrado para avaliar a significância estatística (ou o exato de Fisher, quando indicado), considerando como significativo valor de p menor que 0,05.

Esta pesquisa foi aprovada pelo CEP da instituição federal de ensino superior onde foi conduzida, com o parecer nº 965.444 de 24/02/2015.

## RESULTADOS

Responderam à pesquisa 490 alunos, em um universo de 675 (72,6% do total), com a participação nos períodos, variando de 60,5% no 4º período a 85,5% no 7º período.

A tabela 1 mostra as frequências absolutas e relativas de respostas ao questionário. As mulheres foram mais frequentes do que os homens (55,3 vs 44,5%) e a faixa etária mais prevalente foi de 20 a 22 anos (54,7%). A maioria (69,2%) foi de raça/cor branca, de religião católica (58,6%) e tinham o pai (46,3%) ou a mãe (59,8%) com escolaridade superior.

**Tabela 1-** Distribuição das variáveis da pesquisa sobre conhecimento e interesse dos estudantes de Medicina sobre as práticas integrativas e complementares.

VARIÁVEIS	N (490)	%
Variáveis sociodemográficas		
Sexo		
Feminino	271	55,3
Masculino	218	44,5
NA	1	0,2
Faixa etária		
<20	111	22,7
20-22	268	54,7
>=23	111	22,7
Raça/Cor		
Branca	339	69,2
Preta	18	3,7
Amarela	5	1,0
Parda	125	25,5
NA	3	0,6
Religião		

VARIÁVEIS	N (490)	(continuação)
		%
Católica	287	58,6
Espírita	47	9,6
Evangélica	45	9,2
Sem Religião	102	20,8
Outras	8	1,6
NA	1	0,2
Escolaridade paterna		
Até médio incompleto	108	22,0
Médio completo ou superior incompleto	151	30,8
Superior completo	227	46,3
NA	4	0,8
Escolaridade materna		
Até médio incompleto	56	11,4
Médio completo ou superior incompleto	141	28,8
Superior completo	293	59,8
Período		
1º	65	13,3
2º	51	10,4
3º	61	12,5
4º	52	10,6
5º	59	12,0
6º	64	13,1
7º	71	14,5
8º	65	13,3
NA	2	0,4
Variáveis acadêmicas		
Cursou disciplina ou atividade extracurricular sobre as PIC		

	Sim	126	25,8
<b>VARIÁVEIS</b>		<b>N (490)</b>	<b>(continuação) %</b>
NA		13	2,6
Ensino das PIC deve estar presente na grade curricular			
Sim		363	74,1
Não		114	23,3
NA		13	2,6
Forma de inserção das PIC na grade			
Disciplina obrigatória		37	7,6
Disciplina optativa		282	57,6
Extensão		33	6,7
Estágio		6	1,2
Outras		1	0,2
NA		131	26,7
Variáveis de relação pessoal com as PIC			
Sabe que há PIC no SUS em JF			
Sim		123	25,1
Não		347	70,8
NA		20	4,1
Sabe que há PIC no sistema privado			
Sim		239	48,8
Não		231	47,1
NA		20	4,1
Conhece alguma PIC			
Sim		437	89,2
Não		10	2,0
NA		43	8,8
Número e proporção que conhece cada PIC			
Acupuntura		396	80,8
Fitoterapia		379	77,4

Homeopatia	367	74,9
<b>VARIÁVEIS</b>	<b>N (490)</b>	<b>(continuação) %</b>
Medicina Antroposófica	121	24,7
Outras	10	2,0
Usaria alguma PIC como paciente		
Sim	447	91,2
Não	14	2,9
NA	29	5,9
Número e proporção que usaria cada PIC como paciente		
Acupuntura	322	65,7
Fitoterapia	265	54,1
Homeopatia	215	43,9
Medicina Antroposófica	50	10,2
Outras	8	1,6
Usou alguma PIC nos últimos 12 meses		
Sim	94	19,2
Não	384	78,4
NA	12	2,5
Número e proporção que usou cada PIC nos últimos 12 meses		
Acupuntura	18	3,7
Fitoterapia	58	11,8
Homeopatia	42	8,6
Medicina Antroposófica	2	0,4
Outras	1	0,2
Forma de custeio do tratamento		
Pagou pelo tratamento	54	57,5
Plano de saúde	22	23,4
SUS	1	1,1

	NA	17	18,7
<b>VARIÁVEIS</b>		<b>N (490)</b>	<b>(conclusão) %</b>
Sim		404	82,5
Não		76	15,5
NA		10	2,0
Número e proporção que recomendaria cada PIC como médico			
Acupuntura		319	65,1
Fitoterapia		270	55,1
Homeopatia		219	44,7
Medicina Antroposófica		55	11,2
Outras		10	2,0

Fonte: elaborada pelos autores

Apenas 25,8% dos alunos já tinham cursado disciplina ou atividade de extensão sobre o tema, mas a maioria (74,1%) acredita que as PIC devem estar presentes na grade curricular, de preferência na forma disciplina optativa (57,6%).

Há um grande desconhecimento da presença das PIC no SUS e no sistema privado de saúde, mas 89,2% dos alunos conhece pelo menos uma PIC, sendo as mais citadas Acupuntura (80,8%), Fitoterapia (77,4%), Homeopatia (74,9%) e Medicina Antroposófica (24,7%).

Embora 91,2% dos alunos tenham informado que usariam alguma PIC como pacientes, apenas 19,2% usaram nos últimos 12 meses e 82,5% recomendaria aos seus pacientes.

As variáveis associadas a recomendar o uso das PIC aos seus pacientes foram raça/cor não branca, ser dos períodos iniciais, achar importante ter as PIC na grade curricular, ter cursado alguma disciplina ou atividade sobre as PIC, informar que usaria as PIC como pacientes e ter usado alguma PIC nos últimos 12 meses (tabela 2, na próxima página).

**Tabela 2-** Fatores associados a recomendar como médicos as práticas integrativas e complementares (PIC) pelos estudantes de Medicina.

VARIÁVEIS	RECOMENDARIA				p-valor*
	NÃO (N = 76)		SIM (N = 404)		
	n	%	n	%	
Sociodemográficas					
Sexo					0,076
Feminino	35	13,2	230	86,6	
Masculino	41	19,2	173	80,8	
Faixa etária					0,697
<20 anos	14	13,5	90	86,5	
20-22 anos	45	17,0	220	83,0	
≥23 anos	17	15,3	94	84,7	
Raça/cor					0,033*
Branca	59	17,9	271	82,1	
Outras	15	10,2	132	89,8	
Religião					0,945
Católica	43	15,4	237	84,6	
Espírita	6	13,0	40	87,0	
Evangélica	8	18,2	36	81,8	
Outras	1	12,5	7	87,5	
Sem Religião	18	17,8	83	82,2	
Escolaridade do pai					0,184
Até médio incompleto	22	20,6	85	79,4	
Médio completo ou superior incompleto	18	12,1	131	87,9	
Superior completo	36	16,4	184	83,6	
Escolaridade da mãe					0,788
Até médio incompleto	7	12,7	48	87,3	
Médio completo ou superior incompleto	22	16,4	117	83,6	

VARIÁVEIS	RECOMENDARIA				p- valor*
	NÃO (N = 76)		SIM (N = 404)		
	n	%	n	%	
Superior completo	47	14,8	239	84,2	
Acadêmicas					
Período					0,001*
1º - 4º	21	9,6	198	90,4	
5º - 8º	55	21,2	204	78,8	
Considera importante ter na grade curricular #					<0,001*
Sim	31	8,6	329	91,4	
Não	45	38,5	72	61,5	
Cursou alguma disciplina/atividade de PIC #					0,006*
Sim	10	7,9	116	92,1	
Não	64	18,3	286	81,7	
Relação pessoal com as PIC					
Conhece #					0,175
Sim	62	14,5	365	85,5	
Não	3	30,0	7	70,0	
Usaria #					<0,001*
Sim	53	12,1	385	87,9	
Não	9	64,3	5	35,7	
Sabe que há PIC no SUS em JF #					0,198
Sim	15	12,4	106	87,6	
Não	59	17,4	208	82,6	
Sabe que há PIC no sistema privado #					0,164
Sim	32	13,7	201	86,3	
Não	42	18,5	185	81,5	

VARIÁVEIS	(conclusão)				p- valor*
	RECOMENDARIA				
	NÃO (N = 76)		SIM (N = 404)		
	n	%	n	%	
Utilizou alguma PIC nos últimos 12 meses					0,002*
#					
Sim	5	5,3	89	94,7	
Não	69	18,0	314	82,0	

\* Teste qui-quadrado (ou exato de Fisher, quando indicado); significativo se  $p < 0,05$

# Faltam dados para alguns alunos nas seguintes variáveis: sexo (n=1), raça/cor (n=3), religião (n=1), escolaridade pai (n=4), período (n=2), considera importante ter na grade curricular (n=3), cursou alguma disciplina de PIC (n=4), conhece (n=43), usaria (23), sabe que há PIC no SUS em JF (n=20), sabe que há PIC no sistema privado (n=20), utilizou alguma PIC nos últimos 12 meses (n=3).

Fonte: elaborada pelos autores

Já em relação a usar alguma PIC como paciente, as variáveis associadas foram sexo feminino, conhecer as PIC, recomendar as PIC como médico e saber que há PIC no sistema privado (tabela 3).

**Tabela 3-** Fatores associados a usar como paciente as práticas integrativas e complementares (PIC) pelos estudantes de Medicina.

VARIÁVEIS	USARIA				p- valor*
	NÃO (N = 14)		SIM (N = 447)		
	n	%	n	%	
	Sociodemográficas				
Sexo #					0,001*
Masculino	13	6,4	189	93,6	
Feminino	1	0,4	257	99,6	
Faixa Etária					0,610
<20	4	3,8	101	96,2	
20-22	6	2,4	247	97,6	
>23	4	3,9	99	96,1	
Raça/cor #					1,000
Branca	10	3,2	307	96,8	

VARIÁVEIS	USARIA				P- valor*
	NÃO (N = 14)		SIM (N = 447)		
	n	%	n	%	
Outras	4	2,8	137	97,2	
Religião #					0,319
Católica	7	3,0	262	97,0	
Evangélica	1	2,0	41	98,0	
Espirita	2	5,0	42	95,0	
Outras	1	14,0	6	86,0	
Sem religião	3	3,0	95	97,0	
Escolaridade do pai #					0,051
Até médio incompleto	7	7,0	96	93,0	
Médio completo ou superior incompleto	2	1,0	141	99,0	
Superior completo	5	2,0	206	98,0	
Escolaridade da mãe					0,854
Até médio incompleto	1	2,0	53	98,0	
Médio completo ou superior incompleto	3	2,0	127	98,0	
Superior completo	10	4,0	267	96,0	
Acadêmicas					
Período #					0,159
1º - 4º	4	2,0	212	98,0	
5º - 8º	10	4,0	233	96,0	
Considera importante ter na grade curricular #					0,202
Sim	9	3,0	342	97,0	
Não	5	5,0	94	95,0	
Cursou alguma disciplina de PIC #					0,369
Sim	2	2,0	120	98,0	

VARIÁVEIS	USARIA				P- valor*
	NÃO (N = 14)		SIM (N = 447)		
	n	%	n	%	
Não	12	4,0	316	96,0	
Relação pessoal com as PIC					
Conhece #					<0,001*
Sim	10	2,0	414	98,0	
Não	4	40,0	6	60,0	
Recomendaria #					<0,001*
Sim	5	1,0	385	99,0	
Não	9	15,0	53	85,0	
Sabe que há PIC no SUS em JF #					1,00
Sim	3	3,0	116	97,0	
Não	11	3,0	322	97,0	
Sabe que há PIC no sistema privado #					0,020*
Sim	3	1,0	232	99,0	
Não	11	5,0	206	95,0	
Utilizou alguma PIC nos últimos 12 meses #					0,083
Sim	0	0,0	92	100,0	
Não	14	4,0	347	96,0	

\* Teste qui-quadrado (ou exato de Fisher, quando indicado); significativo se  $p < 0,05$ .

# Faltam dados para alguns alunos nas seguintes variáveis: sexo (n=1), raça/cor (n=3), religião (n=1), escolaridade pai (n=4), período (n=2), considera importante ter na grade curricular (n=11), cursou alguma disciplina de PIC (n=11), recomendaria (n=9), conhece (n=27), sabe que há PIC no SUS em JF (n=9), sabe que há PIC no sistema privado (n=9), utilizou alguma PIC nos últimos 12 meses (n=8).

Fonte: elaborada pelos autores

Por fim, os fatores associados a indicar que as PIC devem fazer parte da grade curricular foram o sexo feminino, estar nos períodos iniciais, recomendar o uso das PIC como médico, saber que as PIC são oferecidas no sistema privado e ter cursado alguma disciplina ou atividade de extensão sobre as PIC (tabela 4).

**Tabela 4** Fatores associados a indicar as práticas integrativas e complementares (PIC) a fazer parte da grade curricular do Curso de Medicina pelos estudantes de Medicina.

VARIÁVEIS	INDICARIA				p-valor*
	SIM (N = 361)		NÃO (N = 117)		
	N	%	N	%	
Sociodemográficas					
Sexo					0,048*
Masculino	152	71	61	29%	
Feminino	209	79	55	21%	
Faixa etária					0,238
<20	85	82	19	18%	
20-22	196	74	68	26%	
≥23	80	73	30	27%	
Raça/Cor #					0,276
Branca	224	74	86	26%	
Outras	114	79	31	21%	
Religião					0,605
Católica	213	76	66	24%	
Evangélica	30	68	14	32%	
Espírita	37	80	9	20%	
Outra	5	62	3	38%	
Sem religião	76	75	25	25%	
Escolaridade paterna					0,581
Até médio incompleto	79	74	28	26%	
Médio completo ou superior incompleto	116	78	32	22%	
Superior completo	162	74	57	26%	
Escolaridade materna					0,126
Até médio incompleto	46	84	9	16%	
Médio completo ou superior incompleto	97	70	41	30%	
Superior completo	218	76	67	24%	

VARIÁVEIS	INDICARIA				p-valor*
	SIM (N = 361)		NÃO (N = 117)		
	N	%	N	%	
(continuação)					
Acadêmicas					
Período					<0,001*
1º – 4º	188	86	30	14%	
5º - 8º	172	66	87	34%	
Cursou alguma disciplina de PIC #					
Sim					
Não					
Relação pessoal com as PIC					
Conhece alguma PIC					0,645
Sim	325	76	101	24%	
Não	7	70	3	30%	
Usaria alguma PIC como paciente					0,208
Sim	342	97	9	3%	
Não	94	95	5	5%	
Recomendaria alguma PIC como médico					<0,001*
Sim	329	82	72	18%	
Não	31	41	45	59%	
Sabe se as PIC são oferecidas no SUS em Juiz de Fora					0,493
Sim	94	78	27	22%	
Não	252	75	86	25%	
Sabe se as PIC são oferecidas no sistema privado em Juiz de Fora					0,014*

VARIÁVEIS	INDICARIA				p-valor*
	SIM (N = 361)		NÃO (N = 117)		
	N	%	N	%	
Sim	187	80	46	20%	
Não	159	70	67	30%	
Utilizou alguma PIC nos últimos 12 meses					0,458
Sim	74	79	20	21%	
Não	286	75	95	25%	
Cursou disciplina ou atividade de extensão sobre as PIC					0,033*
Sim	104	83	22	17%	
Não	254	73	94	27%	

\* Teste qui-quadrado (ou exato de Fisher, quando indicado); significativo se  $p < 0,05$

# Faltam dados para alguns alunos nas seguintes variáveis: sexo (1), cor (23), escolaridade paterna (4), período (1), conhece alguma PIC (42), usaria alguma PIC (28), recomendaria alguma PIC (1), sabe se as PIC são oferecidas no SUS (1), sabe se as PIC são oferecidas no sistema privado (19), utilizou alguma PIC (3), cursou disciplina ou atividade de extensão (4)

Fonte: elaborada pelos autores

## DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, a maioria dos alunos foi de opinião que o ensino das PIC deveria estar presente na grade curricular, preferencialmente na forma de disciplina optativa. Embora relativamente poucos alunos já tenham usado alguma forma de PIC como pacientes, a maioria informou que usaria e recomendaria seu uso futuramente, como profissionais de saúde.

De forma semelhante aos dados encontrados, em pesquisa feita com alunos de Medicina da USP, grande parte (72%) defende que a Homeopatia e a Acupuntura sejam inseridas no currículo, em regime opcional.<sup>11</sup> Em outro levantamento, feito com os alunos participantes de oficina sobre homeopatia oferecida em um Encontro Científico de Estudantes de Medicina, 64% dos respondentes julgaram importante a incorporação da Homeopatia no currículo de forma obrigatória e 36% como disciplina optativa.<sup>10</sup>

Alunos de Medicina que já fizeram uso de alguma PIC, em maior proporção recomendariam o uso das PIC aos seus pacientes, segundo este estudo e também, em pesquisa feita na Universidade Federal de Santa Catarina.<sup>12</sup> Este mesmo artigo encontrou que as mulheres têm atitude mais positiva em relação às PIC do que os homens, o que pode ser observado também neste estudo.

De forma semelhante aos resultados aqui apresentados, a revisão sistemática encontrou maior proporção de alunos interessados em aprender sobre as PIC nos períodos iniciais do curso.<sup>13</sup> Isto poderia se dever à influência do curso tradicional, biologicista sobre os alunos, pois as aulas práticas e estágios são quase exclusivamente com uso de terapias convencionais, deixando uma lacuna em relação ao aprendizado prático das PIC. Segundo Machado et al. (2012), a maioria dos professores de Medicina não admite a abordagem deste tema em sala de aula como terapêutica complementar às opções convencionais, apesar da maioria destes professores achar que o tema é atual e recorrente no cotidiano médico, mas eles não se sentem atualizados o suficiente para abordar o tema com os alunos; embora achem o ensino dessas práticas importante. O estudo observou que existem poucos professores preparados para ministrar disciplinas ou atividades relacionadas a este tema.<sup>14</sup> De acordo com Teixeira (2013), as instituições de ensino médico deveriam ter no corpo docente professores e pesquisadores habilitados nesta área, para que propostas de ensino, pesquisa e assistência pudessem ser elaboradas e viabilizadas.<sup>3</sup>

Um fator que pode influenciar a intenção dos estudantes de Medicina em fazer uso futuro das PIC como profissionais, encontrado neste estudo e em revisão sistemática sobre o ensino das PIC, é o contato com o tema durante o curso, por meio de disciplina ou outras atividades de ensino, por deixarem os alunos mais seguros em relação ao uso das PIC pelos pacientes.<sup>13</sup> Esta revisão sistemática também apontou que os alunos com exposição prévia às PIC têm maior desejo de estudá-las, sobretudo tomando como base a lógica da medicina baseada em evidências.<sup>13</sup> Neste trabalho, os alunos que já tinham participado de disciplina ou atividade de extensão também foram mais favoráveis à inclusão no currículo de disciplina sobre as PIC.

O objetivo do oferecimento de cursos ou disciplinas introdutórias sobre as PIC em cursos de Medicina é preparar os futuros médicos para lidarem com uma ampla parcela da população que se utilizam dessas práticas, prescritas ou não por profissionais

de saúde. Com esses cursos introdutórios, não se tem como efeito a indução à especialização dos alunos dentro dessa área, como demonstra estudo feito na USP por Amadera et al. (2010), porém é possível contribuir para a formação integral do aluno.<sup>15</sup> Teixeira et al. (2007) sugerem a adoção da “modalidade didática breve”, composta por uma carga horária de 2-4 horas-aula e que pode ser implementada obrigatoriamente aos alunos dos períodos iniciais do curso e, mais tarde, como disciplina optativa para aprofundar os conhecimentos, assim como na Faculdade de Medicina da USP.<sup>10</sup>

O Ministério da Saúde criou, em 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC, Portaria MS Nº 971/2006), que garante à população acesso às PIC.<sup>1</sup> A partir de então, a PNPIC disponibiliza aos usuários do SUS atendimento gratuito, através de unidades básicas de saúde, núcleos de apoio à saúde da família, ambulatórios e hospitais nas áreas de Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Homeopatia, Plantas Medicinais e Fitoterapia.<sup>1</sup> No entanto, Teixeira et al. (2013) mostram que a implementação de políticas públicas direcionadas às PIC enfrenta dificuldades, sendo a principal a contratação de médicos com formação na área.<sup>3</sup> Entre outras, é possível listar ainda as influências contrárias às PIC, a prioridade para a atenção a questões básicas de saúde em detrimento a novos projetos, aquisição e distribuição dos medicamentos, tempo necessário nas consultas e o desconhecimento de racionalidade médicas.<sup>3</sup>

Em revisão literária, encontram-se estudos que afirmam que o uso das PIC, principalmente na atenção básica, é uma forma de estimular a mudança do cenário medicalizador e, assim, promover a concepção de saúde integrada (mente, físico, psíquico e espiritual), garantindo, assim, autonomia do paciente sob seu tratamento.<sup>16</sup> Entretanto, salienta-se a insuficiência na formação do profissional de saúde a respeito do tema.<sup>8,16</sup> Consequentemente gera dificuldades de lidar com a integralização das PIC na atenção básica, causando incertezas, inseguranças e resistência.<sup>16,17</sup> Compatível com o resultado do estudo em que poucos estudantes cursaram ou tiveram contato com o tema PIC durante sua formação.

A principal limitação deste estudo foi a não participação de todos os alunos da instituição pública federal, pois, por questões operacionais, foram excluídos os alunos pertencentes aos quatro últimos semestres do Curso de Medicina, referente ao estágio prático (ou internato), pois os cenários práticos são dispersos em vários municípios. No

entanto, este estudo contou com a participação de 490 alunos, correspondendo a 72,6% dos quatro anos iniciais, uma amostra bastante abrangente. Outra limitação é que se trata de um estudo transversal e, portanto, as associações entre as variáveis encontradas são apenas exploratórias, ou seja, não se pode inferir causalidade.

## **CONCLUSÃO**

O ensino das PIC ainda é uma lacuna no currículo da maioria das Faculdades de Medicina no país. Há a necessidade de estimular a discussão sobre este assunto dentro das faculdades, uma vez que a demanda da sociedade tem aumentado consideravelmente e o seu uso tem sido estimulado pela OMS e pelo Ministério da Saúde no país, principalmente, pelo fato de as práticas potencializarem o diálogo entre o conhecimento popular e o conhecimento científico, fortalecendo os princípios da atenção básica de saúde.

A partir desta pesquisa, pode-se concluir que é necessário o aprendizado do aluno em relação às práticas integrativas e complementares, por meio de disciplinas e atividades sobre o tema dentro da faculdade, para que os futuros médicos sejam capazes de conhecer os efeitos colaterais, as associações medicamentosas e correta indicação dessas modalidades terapêuticas aos seus pacientes. O conhecimento pelo médico sobre as PIC permite uma ampliação das ferramentas terapêuticas, potencializando o seu papel no tratamento das diversas patologias. Logo, tornam-se necessárias medidas que incluam no currículo ativo o tema PIC, a fim de ampliar a formação do médico generalista.

## **REFERÊNCIAS**

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – PNPIC–SUS/Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília; 2006.
2. Minas Gerais. Secretaria de Estado de Minas Gerais. Coordenadoria de Práticas Integrativas e Complementares. Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares / MG (PEPIC). Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais.

3. Teixeira MZ, Lin CA. Educação médica em terapêuticas não convencionais. Rev. Med. 2013; 92(4):224-35.
4. Rodrigues Neto JF, Faria AA, Figueiredo MFS. Medicina complementar e alternativa: utilização pela comunidade de Montes Claros, Minas Gerais. Rev. Assoc. Med. Bras. 2009; 55(3).
5. Kulkamp IC, Burin GD, Souza MHM, Silva P, Piovezan AP. Aceitação de práticas não convencionais em saúde por estudantes de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina. Revista Brasileira de Educação Médica. 2007; 31(3):229-235.
6. Tesli Junior E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. Estudos avançados. 2016; 30(86): 99-112.
7. Tesser CD, Souza IMC. Atenção primária, atenção psicossocial, práticas integrativas e completares e suas afinidades eletivas. Saúde Soc. 2012; 21(2):336-350.
8. Silva NCM, Iunes DH, Resck ZMR, Soares MI, Junior DIS, Vieira NF. Estratégias de ensino das terapias alternativas e complementares na graduação em Enfermagem: revisão integrativa. Rev. Eletrônica de Enfermagem. 2013; 15(4):1061-7.
9. Chehuen Neto JA, et al. Uso e compreensão da medicina alternativa e complementar pela população de Juiz de Fora. HU Revista. 2010; 36(4):266-276.
10. Teixeira MZ. Homeopatia: desinformação e preconceito no ensino médico. Revista Brasileira de Educação Médica. 2007; 31(1):15-20.
11. Texeira MZ, Lin CA, Martins MA. The teaching of non conventional practices regarding health care in Medical Education Schools: world scenario and brazilian perspectives. Rev. Bras. Educ. Méd. 2004 jan./abr.; 28(1):5160.
12. Morales NM, Min LS, Teixeira, JEM. Atitude de estudantes de Medicina frente a terapias alternativas e complementares. Rev. Bras. Educ. Méd. 2015 abr./jun.; 39(2):240245.
13. Christensen MC, Barros NF. Medicinas alternativas e complementares no ensino médico: revisão sistemática/Complementary and alternative medicine in medical teaching: systematic review. Rev. Bras. Educ. Méd. 2010 jan./mar.; 34(1):97105.
14. Machado MMT, Oliveira JC, Fachine ADL. Acupuncture: knowledge and perception of university professors. Rev. Bras. Educ. Méd. 2012 jan./mar.; 36(1):4149.
15. Amadera JED, Pai HJ, Hsing WT, Teixeira, MZ, Martins MA, Lin CA. The teaching of acupuncture in the University of São Paulo School of Medicine, Brazil. Rev. Assoc. Med. Bras. 2010; 56(4):458461.
16. Cruz PLB. As práticas terapêuticas não convencionais nos serviços de saúde: revisão integrativa. Rev. APS. 2016 jul./set.; 19(3):483-494.
17. Ceolin S, Ceolin T, Casarin ST, Severo VO, Ribeiro MV, Lopes ACP. Plantas medicinais e sua aplicabilidade na atenção primária à saúde. Rev. APS. 2017 jan./mar.; 20(1):81-88.

Submissão: dezembro de 2017.

Aprovação: março de 2018.